

Reflorestamento

Grupo Torotê: Capimbará

História de vida

Meu nome é Amilton Alves dos Santos, também conhecido como Capimbará. Nasci na aldeia Imbiriba, perto do Rio dos Frades, no município de Porto Seguro, Bahia. Aos sete anos fui viver na aldeia Barra Velha e mais tarde me mudei para Boca da Mata em busca de melhorias. Nessa época, por volta de 1985, os moradores de Boca da Mata e da região começaram a tirar muita madeira para a fabricação de artesanato e como eu não queria ser um membro para estar agredindo a natureza, saí para Coroa Vermelha, onde comecei a me preocupar com a preservação do meio ambiente.

Em 1988, eu via que a comunidade não se preocupava muito e estava tirando muita madeira. Foi quando comecei a me tornar um *conscientizador ambiental* ao trabalhar como monitor ecológico numa Estação Ecológica de uma empresa de celulose. Lá, nós, monitores, guiávamos os alunos pela mata da reserva. Depois do passeio cada aluno pegava cinco mudas e íamos a uma área aberta fazer o plantio delas.

Éramos quatro indígenas que trabalhávamos como monitores ecológicos num projeto de educação ambiental da estação. Eles contrataram os Pataxó porque sabiam que os índios conheciam mais da natureza do que eles. E assim seguimos trabalhando e plantando as sementinhas na natureza, recuperando algumas áreas de nascente, alguns oiteiros que estavam destruídos. Éramos eu, Catão, Paixão e Gilmar.

Quando eu saí da empresa resolvi investir no meu trabalho como artesão e assim poder dedicar mais tempo às atividades de conscientização ambiental e de reflorestamento. Assim eu poderia estar fazendo a diferença melhor. Foi quando comecei a planejar o viveiro da Reserva da Jaqueira, esse viveiro que está aí até hoje. Isso foi em

1998 quando começou o projeto da Reserva da Jaqueira. Nessa época, saí da empresa e fui diretamente para a Jaqueira, onde nossos parentes estavam lutando para reconquistar aquela área. Então, meu irmão Catão e eu construímos um viveiro de mudas de 20m X 12m e começamos um trabalho de conscientização ambiental pensando que a Jaqueira poderia vir a ser uma escola educativa em duas áreas: a cultura indígena e a conservação ambiental.

Mas logo sentimos a necessidade de criar meios para sobreviver e colocar os filhos na escola. Nós nos perguntávamos: como a gente vai sobreviver, tomar conta da mata da Reserva da Jaqueira, sem tirar nada dela? Foi quando nos sentamos e planejamos um projeto de ecoturismo para que o turista visitasse e deixasse um recurso para poder manter aquelas pessoas ali vivendo sem destruir a natureza e dando continuidade ao projeto de um trabalho de conscientização ambiental e de valorização da cultura indígena.

E foi dando certo, a gente foi produzindo as mudas, foi plantando... Na Jaqueira a vida da gente era só plantar. Hoje nós temos árvores de pau brasil bem grandes, já com uns 15 metros de altura, temos jatobás, arrudas e ipês que nós plantamos. A área da Reserva onde ficam os *kijemes* (habitações) foi toda recuperada por nós com plantas nativas.

Projeto de vida, projetos de reflorestamento

Nossa comunidade indígena, hoje, vive em grande parte do artesanato, a maioria das pessoas não se preocupa muito em conservar ou reflorestar, fazer a diferença para o futuro. A minha visão do que eu faço hoje, eu não estou pensando em mim, mas eu penso no futuro, na nova geração que vai nascer. Se não fizermos nada, o ambiente vai estar mais cortado, vai estar mais queimado, a área indígena vai estar mais descoberta e se a gente continuar com isso... não é fácil, é complicado porque uns querem tirar, você quer plantar, isso atrapalha muito. Você chega a se aborrecer, dá vontade de desistir do trabalho. Mas não vou desistir.

A Reserva da Jaqueira tem capacidade de administrar recursos externos através de projetos, podendo gerar emprego e renda principalmente nessa área de meio ambiente. Temos que conseguir que Porto Seguro abrace essa causa e apoie a produção de mudas para poder fazer essa recuperação ambiental, recuperação de mata ciliar. É difícil

trabalhar com o turismo e se dedicar à produção de mudas ao mesmo tempo porque esse trabalho exige uma pessoa dedicada dia a dia: catalogar semente, coletar sementes, encher saquinho, regar as mudas. Por isso acredito que na Reserva da Jaqueira possam ter pessoas dedicadas ao turismo, enquanto outras se dediquem à produção de mudas e reflorestamento.

Depois de seis anos reflorestando a Reserva da Jaqueira fui trabalhar na Escola Indígena de Coroa Vermelha, pelo Projeto Segundo Tempo, onde fiquei cinco anos e comecei a produzir mudas para doação e reflorestamento de diversas áreas no território Pataxó e mesmo fora dele. Isso foi por volta de 2004. Comecei a trabalhar com as crianças construindo um viveiro, depois construímos o segundo viveiro e logo o terceiro viveiro. Comecei com um pequeno, depois fiz um maior, e estava dando muito certo embora houvesse dificuldade em obter água. Os alunos ajudavam bastante na produção e manutenção das mudas. A fonte de água era longe e era preciso trazer água em baldes para regar as mudas. Ainda assim produzimos muitas mudas e fizemos muitas doações.

Enquanto trabalhei na escola fizemos muitas doações de mudas para vários lugares. Doamos 50 mudas para uma escola no povoado do Guaiú, município de Santa Cruz de Cabrália; 50 mudas para a aldeia Mata Medonha; 50 mudas para a aldeia Aroeira; 50 mudas para a área da agricultura, próxima à Reserva da Jaqueira; 50 mudas para a aldeia Juerana e para a Aldeia Velha mais 50 mudas. Pegamos o carro do governo e fomos entregando.

Cada curso que eu faço eu coloco na prática, dou continuidade porque eu tenho uma consciência e tenho uma atitude ambiental. Você tem que ter um conhecimento e depois você tem que ter uma atitude que é atitude ambiental, que é você ter a preocupação de estar conscientizando os alunos permanentemente que o trabalho de educação ambiental é um trabalho permanente. Então, por isso eu continuo fazendo doações de mudas. Na época dos jogos indígenas, em abril, várias aldeias vieram de outros lugares do Brasil, do Norte, do Sul, ou mesmo da região de Coroa Vermelha, nós fizemos uma doação de mudas para que cada um levasse uma, duas, cinco mudas para sua aldeia de origem.

A gente também criou um projeto de reflorestamento da Aldeia Nova Coroa que estava sendo muito destruída. A Aldeia Nova Coroa foi uma aldeia retomada que havia sido degradada pelos não índios que antes viviam ali. As plantas que a gente plantou hoje estão adultas, dão frutos. Então a gente fica feliz com o trabalho que a gente vem fazendo.

Em 2012, fizemos um mutirão de reflorestamento nos arredores da aldeia Nova Coroa com alunos da escola indígena e apoio de alunos e direção de uma faculdade próxima.



Figura 38: Reflorestamento na aldeia Nova Coroa com crianças da escola indígena.

Recentemente doei mais de 100 mudas para aldeia Novos Guerreiros. Na aldeia Nova Coroa foram mais de 2 mil mudas doadas para reflorestamento: plantas nativas e frutíferas. Pelos meus cálculos de 1988 até 2012, a gente já tinha plantado 50 mil mudas ao todo, por todo o território pataxó e também e também em áreas de empresas não indígenas, como no caso da empresa Ipê Turismo e a Estação Veracel da Veracruz Celulose.

Mandamos 300 mudas para a aldeia Pé do Monte, próxima ao Parque Nacional do Monte Pascoal. Essas aldeias do extremo sul da Bahia aqui todas elas têm mudas doadas pelo viveiro aqui de Coroa Vermelha que eu mandei pra eles.

Preocupa o trabalho que você faz dentro da comunidade, um trabalho de conscientização ambiental que muitas das vezes é em vão. Mas o que importa é o que você faz e vai visitar novamente e você vê o resultado. Eu fiz uma doação de só um pé de planta para uma mãe, da aldeia Imbiriba. Fui lá outro dia e vi que o pé que ela plantou está com três metros de altura. Aí eu doei a ela mais 100 mudas para ela dar também para outras comunidades. Ela gostou muito do que a gente vem fazendo e ela ficou feliz porque ela plantou o ipê roxo e cresceu tão rápido. O ipê é uma árvore que as pessoas tiram muito para fazer o artesanato e é uma planta que cresce muito e cresce rápido. Da época que ela plantou essa planta, tem uns dois ou três anos, se a gente tivesse plantado muito mais quantas árvores a gente teria hoje?

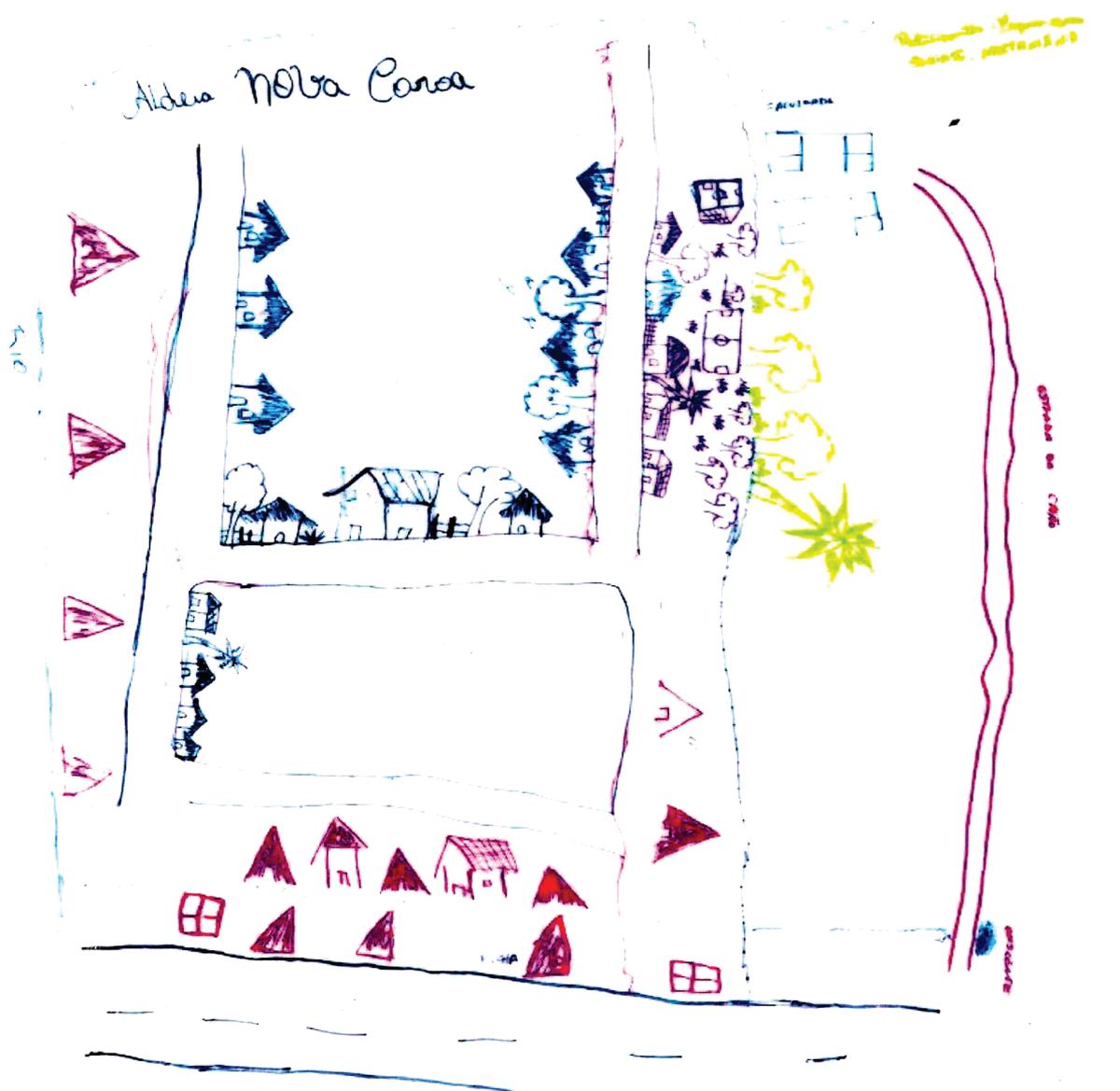


Figura 39: Mapa da aldeia Nova Coroa feito por Capimbará.

Em nosso trabalho com os alunos seguimos plantando, doando, levando para a área da agricultura, outros plantam no seu quintal para tirar semente para fazer artesanato. Procuo registrar todas as doações e plantios, mas nem sempre é possível porque dependo

dos outros para isso. Às vezes, o grupo do Ponto de Cultura faz o registro ou peço para alguém que tem máquina fotográfica tirar fotos e gravar para mim.



Figura 40: Doação de mudas na porta de casa (esq.) e com caminhonete emprestada (dir.).

O quintal de Capimbará e seu viveiro de mudas

Eu tive que reflorestar meu terreno para poder falar de sustentabilidade. Para falar sobre educação ambiental com os alunos, o que é um ambiente sustentável eu tive que construir meu próprio quintal. Aí eu fui plantar mamão, abacate que já estão dando frutos... cacau para os micos comerem, café, jaca, coco, cupuaçu, açaí. Plantei aroeira, mamão, embaúba. Plantas que crescem rápido e criam condições de vida para outras que crescem mais lentamente. Aqui tenho fruteiras que dão frutas para os passarinhos e para o bicho preguiça. Plantei laranja, coco, jaboticaba... Pau brasil, pati e buri. O pau brasil ele cresce lento, debaixo das árvores. A folha do buri tem a barriga branca com as costas verdes. E o pati tem a folha toda verdinha por baixo e por cima. Tem pau ferro do sertão que está dando certo. Tem banana para os saguis. Araticum da Mata Atlântica. Ingá das margens dos rios. Abacate roxa. Aqui tem medicina... a boleira ou dandá, a semente é da Mata Medonha. Tem nim.



Figura 41: Capimbará (de blusa azul) recebe crianças no viveiro do seu quintal.

O quintal foi todo arborizado pelas mãos da minha família. Essa mata no meu quintal foi construída de 2013 pra cá. Se eu tivesse uma área maior seria ainda melhor. Hoje eu já tiro semente do ipê amarelo, do ipê roxo. Tem cedro, jacarandá baiano, uma mudinha que veio de lá do Pé do Monte e já está enorme. Oiti da Mata Atlântica que os bichos comem. O que eu aprendi e aprendo eu queria passar pras crianças enquanto a gente não morre.

Como é o trabalho no seu viveiro?

Para montar meus viveiros eu não fiz curso, aprendi fazendo. Eu via isso pelo mundo e ia experimentando. O viveiro é um lugar apropriado e preparado para a produção de mudas

de boa qualidade. Ele tem que estar num lugar próximo da água, nem muito perto de muita água, nem longe demais. Num lugar arejado, sombreado. Eu sei fazer um viveiro de boa qualidade, não faço porque não tenho condição.

Hoje não trabalho mais na escola, apenas me dedico ao viveiro que tenho no meu quintal. Não é fácil manter o trabalho, mas eu não vou desistir do viveiro enquanto eu tiver vida eu vou dar continuidade. Tudo tem custo: conta de água, terra, saquinho, ferramentas... Já busquei muitas parcerias junto aos caciques, vereadores índios, Secretaria de Meio Ambiente... Não em dinheiro, mas em materiais que pudessem ser usados para manter viveiro.

Tirei o viveiro do lado da escola porque tinha dificuldade de água e coloquei no quintal da minha casa para poder molhar as mudas. Isso facilitou para mim, pois a qualquer hora eu estou visitando o viveiro. Todos os custos sou eu que assumo com o que ganho com a venda de artesanato. Compro uma terra melhor porque a daqui é muito arenosa e misturo com matéria orgânica que trituro na máquina e deixo descansar por até 90 dias.

Meus filhos me ajudam a encher os saquinhos de terra e plantar as sementes e às vezes molham as mudas para mim. Instalei um sistema de irrigação no viveiro que fica ligado por duas horas, todos os dias. Assim não maltrata as mudas, sejam novas ou velhas.

Construí o viveiro com esteios de biriba e eucalipto sobre os quais preendi a tela preta. No meu viveiro, procuro plantar 50 mudas de cada espécie diferente, mas nem sempre é possível.

Aqui tem ipê roxo, ipê amarelo, pau brasil, canduru, jatobá, paraju, jacarandá, biriba e ingá, espécies da Mata Atlântica. As de restinga eu tenho aroeira, marmelado, olho de bacurau, pau pombo, amescla, jamburão e caju que se dão muito bem nessa orla. Tem ainda guanandi, bacupari e muito cacau.

Tenho jaqueira, que é exótica, mas ocorre há tantos anos que Brasil que o fruto que ela dá para nos alimentar já faz parte do dia a dia, assim como a manga e o coco. Para mim são plantas exóticas que já são consideradas brasileiras. Tenho cedro, cupuaçu e açaí da Amazônia.

Onde coleta as sementes?

Outro dia fui pegar sementes em Itaporanga. Depois de Itaporanga tem a praia onde nossos criadores viveram, que é Itaquena. Essa terra é uma terra do nosso povo que

morreu e deixou lá. Um invasor expulsou nossos antepassados de lá e hoje é uma terra que está conservada pelo governo, mas é uma herança da gente, apesar de que o governo hoje tomou conta. Era dos nossos bisavós. Parece que eram 17 famílias que tomavam conta e plantaram muitos cajueiros que hoje são um banco de produção de semente. Eu fui lá pegar semente de caju porque eu tenho caju aqui, mas é de uma variedade só, então a gente queria ter a miscigenação desse caju diferente de uma outra região para que pudesse ter essa mistura. A semente está guardada aqui eu tenho que preparar o saquinho com meus filhos pra poder plantar nessa região aqui, área de restinga de praia.

Também costumo ir a Belmonte pegar semente porque lá tem muito caju. Outras sementes de outras espécies eu tenho que pegar em várias regiões: Porto do Boi, Boca da Mata, Aldeia Velha e Pé do Monte. Em Pé do Monte, seria contra a lei porque é um Parque Nacional, mas eu tenho que pegar se não vai desaparecer. Já fui pegar sementes na aldeia Mata Medonha. E na Reserva da Jaqueira também, né? Tem que pegar de várias regiões por causa da mistura, da miscigenação da semente.

Faz parte da minha pesquisa saber a época de cada planta dar semente. A partir de agora eu vou observar e anotar isso. Em janeiro o pau brasil está maduro. A piaçava está produzindo em novembro, dezembro.

Você consegue vender suas mudas?

As mudas produzidas no meu viveiro são apenas para doação. A não ser as mudas de pau-brasil que eu levo pra minha lojinha de artesanato onde os turistas compram para levar de lembrança. Muitos turistas que chegam nunca viram uma muda de pau brasil e ficam emocionados.

Não é por falta de interesse, não. Já corri atrás disso bastante, mas o IBAMA diz que é preciso ter um viveiro legalizado e que é preciso um engenheiro agrônomo para poder legalizar esse viveiro para poder vender mudas em quantidade sem correr o risco de ser apreendido. Nunca consegui legalizar.

Seria interessante legalizar ou meu viveiro ou o viveiro de Matias da aldeia Boca da Mata. Matias é um amigo, crescemos juntos e hoje ele trabalha num projeto de uma Organização Não Governamental (ONG). Ele foi contratado pelo trabalho que a gente vinha fazendo. Hoje já tem várias famílias contratadas pela ONG para reflorestar. A ONG

paga uma bolsa mensal para as famílias plantarem ao invés de tirar madeira para fazer gamelas e outros artesanatos de madeira. Estão plantando as mudinhas na própria região deles. Isso é que é importante. Por que eles enxergaram isso? Por que a gente tinha um viveiro. Ele tinha o viveiro lá, eu tinha o viveiro aqui. A gente criou um viveiro no Porto do Boi, criou outro no Pé do Monte para o cacique Braga, mas não deu muito certo. O do Porto do Boi também não deu certo por falta de conhecimento. Para manter um viveiro é preciso ter conhecimento e amor pelo trabalho que se faz, ou não se vai a lugar nenhum.



Figura 42: O conscientizador ambiental na prática.

Mudas do viveiro de Capimbará

Ipê roxo

Essa planta é uma espécie pioneira. Essa planta para mim é especial, é o ipê roxo, nativo da Mata Atlântica e está se acabando com tanta agressão porque como é muito utilizado para fazer artesanato o pessoal corta muito essas árvores. O ipê roxo tem uma madeira muito bonita e muito resistente, então ela está se acabando e a gente está fazendo um trabalho de resgate dela para poder produzir. É uma planta que cresce muito rápido.



Figura 43: Muda de ipê roxo.

Pau brasil

Essa é a muda do pau brasil, uma planta simbólica pra mim, porque além dela ser medicinal, ela deu o nome ao nosso país, então a minha preocupação de fazer o resgate dela é de também fazer um resgate da história do Brasil. Pelos índios ela já era usada como medicina e para os não índios que não conheciam foi feita agora pesquisa na Universidade Federal de São Paulo que ele é medicinal contra o câncer. Ajudou minha vida pra poder fazer esse trabalho de resgate para poder plantar mais.

Ela está se acabando e quando eu pego a minha semente lá na mata e faço uma muda, sei que minha planta vai florar, vai dar semente para outras pessoas que também podem fazer o plantio de mudas depois.



Figura 44: Muda de pau brasil.

Jatobá

O jatobá é outra madeira muito nobre para nós aqui da Mata Atlântica. A casca desse jatobá, os índios no passado utilizavam para confeccionar pequenas canoas para pescar. Hoje só se encontra jatobá grande o bastante na Amazônia. Eu estou fazendo um trabalho de busca da semente do jatobá porque também já não está ocorrendo mais, está acabando e ele tem a semente muito resistente, demora para germinar pra caramba. A semente no solo leva de 2 a 3 meses pra germinar, então você vê que as coisas acabam por isso. Você não tem o conhecimento de resgate da semente e você não planta. Então o jatobá ele é uma madeira que corre na nossa região da Bahia e na Amazônia e a casca é tão forte que dá para fazer pequenos barcos e a semente a gente pode comer e os bichos se alimentam disso também. Por isso a importância da gente estar plantando hoje. Da casca dele a gente faz o vinho do jatobá.



Figura 45: Muda de jatobá.

Oziel Santana Ferreira, Maria das Neves Alves dos Santos, Isabel Modercin, Thiago Cardoso
Jocimara Lobão, Fábio Pedro Bandeira

Paraju

É uma madeira muito resistente bastante usada na construção de casas e também artesanato. Hoje muita gente tira paraju das matas que ainda restam para fazer artesanato.



Figura 46: Muda de paraju.

Juçara

A juçara é uma planta medicinal que eu não quero que ela se acabe. Muita gente tira o palmito da palmeira da juçara e por isso existem poucas juçaras hoje. Quando se tira o palmito dela, a planta morre. A gente faz questão de plantar ela aqui em casa para mostrar aos alunos que nos visitam. Ela ocorre nas margens do rio.



Figura 47: Muda de juçara.

Amescla

Outra planta medicinal que é muito especial para mim é a amescla. Ela dá em área de restinga, ocorre em toda região de praia e é responsável como mata ciliar dos riachos dessa região. A amescla tem uma resina que é usada para fazer o ritual indígena Pataxó. A fumaça da resina dela é a única fumaça que não faz a gente chorar. Ela tem uma história de vida que não pode ser contada para todo mundo e nem por todo canto. É uma história que explica porque ela não faz você chorar com a fumaça que só é contada em época de ritual sagrado entre pajé e liderança.



Figura 48: Muda de amescla.

Assim contam os mais velhos

Bacupari

Essa outra é chamada bacupari. Essa planta está se acabando. Ela tem um líquido no fruto, mas por dentro é doce. Ela é da área de restinga. Assim como a amescla, ela é dessa parte de proteção da praia.



Figura 49: Muda de bacupari.

Cajueiro

Eu tenho duas espécies de cajueiro no meu viveiro: caju vermelho e caju amarelo. Eu fui a Itaquena, depois de Trancoso, buscar essa semente porque a gente já tinha caju aqui nessa região nossa de Coroa Vermelha. Então eu queria fazer uma miscigenação entre o tipo que ocorre aqui e o de lá. Essa muda é feita da semente de lá de Itaquena. Ele vive na área de restinga da praia. Ele também é responsável pela mata ciliar. Eu quero plantar aqui em Coroa Vermelha para misturar com os cajueiros daqui. Quem sabe um dia a gente não venha a ter uma fábrica de polpa de frutas? E a castanha vende muito. Então, por que não investir conhecimento e plantar para poder no futuro a criança poder vender polpa e castanha?



Figura 50: Muda de cajueiro.

Jacarandá do sertão

Um rapaz da Embrapa me conheceu por nome e mandou a semente pelo correio. Eu plantei e está dando certo. Ela é ótima para arborizar as ruas por causa da raiz que não estoura a calçada. Ela atinge 10 metros de altura e engrossa 30 centímetros de diâmetro e cresce rápido. Eu plantei no shopping indígena em Coroa Vermelha e por algumas ruas. Dá uns cachos de flor muito lindos por isso eu planto o jacarandá para arborização.



Figura 51: Muda de jacarandá do sertão.

Biriba

Dela é tirada a fibra para fazer a *tupisay* (saia pataxó). Antes era usada para fazer roupas do dia a dia e até hoje a roupa usada no ritual é feita da fibra dela. Então, hoje ela tem um fim comercial também, porque a *tupisay* também é vendida como artesanato. Eu tenho bastante aqui dela que quero plantar na aldeia Juerana.

Sobre os nomes das plantas

“Eu conheço uma planta por um nome, mas para a Biologia, para os botânicos, eles conhecem por outro nome, mas é a minha vida, a minha relação com a natureza é esse nome. Eu vou registrar minha planta, eu vou patentear ela por esse nome, entendeu? Então, tem essa diferença do mundo com a relação com todo tipo de vida e não vida, tem que estar compartilhada. Eu vivo com isso, eu tenho amor pelo que eu faço. Eu não faço por fazer, mas eu faço por amor. E quando você faz por amor dá certo as coisas, né?”